

INVENÇÕES DE VÍDEOS SOBRE A LAGOA DO PERI: Uma experiência entre histórias, imagens, sons e movimentos

VIDEO INVENTIONS ABOUT LAGOA DO PERI: an experience of stories, images, sounds and movements

Aline Gevaerd Krelling¹

Franciele Favero²

Gabriela Ferreira de Medeiros³

RESUMO

O presente artigo é fruto de uma experiência ocorrida ao longo da disciplina de Prática de Ensino de Biologia, no primeiro semestre de 2009. Alunos do 2º. ano do Ensino Médio da Escola João Gonçalves Pinheiro foram convidados a participar de cursos oferecidos pelos estudantes matriculados nesta disciplina. Estes cursos foram desenvolvidos no Parque Municipal da Lagoa do Peri (Florianópolis - SC). Nosso grupo definiu como foco a produção de um vídeo sobre a Lagoa do Peri e gostaríamos de discutir, ao longo deste processo, as diferentes formas de relações que estabelecemos com o ambiente, com a Lagoa, com os sujeitos humanos e não humanos. Procuramos nesses encontros ouvir os alunos, considerando que muitas experiências e histórias com e sobre o Parque já existiam em suas vidas. Três vídeos foram produzidos e acreditamos que o próprio processo de produção dos mesmos acionou outras experiências e possibilidades de olhar e de se relacionar com aquele lugar e com os outros que participavam do curso.

Palavras-chave: Prática de ensino. Parque Municipal da Lagoa do Peri. Produção Audiovisual.

ABSTRACT

The present article is fruit of an experience that occurred along Biology Teaching Practice discipline, on 2009 first half. 2nd grade students of João Gonçalves Pinheiro High School were invited to participate in courses offered by students enrolled in the previously cited discipline. Courses occurred in Lagoa do Peri Public Park (Florianópolis – SC). Our group focus was in video

¹ Aline Gevaerd Krelling é Bióloga (bacharel e licenciada) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestranda do Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Educação da UNICAMP. E-mail: li_krelling@yahoo.com.br. Telefone: (19)9687-9874.

² Franciele Favero é Bióloga (bacharel e licenciada) pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: franbio@gmail.com

³ Gabriela Ferreira de Medeiros é Bióloga (bacharel e licenciada) pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: gabix@hellokitty.com

production about Lagoa do Peri, and alongside with that, different forms of relationships established with environment, Lagoa do Peri, human and non-human subjects. 2nd grade students were listened in the encounters, considering their previous experiences and stories with and about the Park. Three videos were produced, and we believe that along the process other experiences and possibilities were developed, about seeing and relating with the Lagoa do Peri and with other course participants.

Keywords: Teaching Practice. Lagoa do Peri Public Park. Audiovisual Production.

No primeiro semestre de 2009 quando cursávamos a disciplina de Prática de Ensino de Biologia, oferecida ao curso de Licenciatura em Ciências Biológicas da Universidade Federal de Santa Catarina, nos foi lançada a seguinte proposta: organizar um curso para alunos de Ensino Médio tendo o Parque Municipal da Lagoa do Peri (Florianópolis-SC) como sala de aula. Geralmente a disciplina é desenvolvida dentro do espaço escolar e desta vez ela aconteceria fora de seus muros. Esta proposta fez parte do projeto intitulado “Multiplicando saberes na Lagoa do Peri”, organizado pelos professores Leandro Belinaso Guimarães e Narjara Zimmermann, e contemplou o oferecimento de 5 cursos com temáticas bastante distintas. Eles foram organizados pelos alunos matriculados na disciplina, distribuídos em pequenos grupos (de 2 a 3 pessoas). Alunos do 2º. ano do Ensino Médio da Escola João Gonçalves Pinheiro foram convidados a participar. Como esta não era obrigatória tínhamos como desafio criar uma proposta atrativa para os estudantes, procurando abordagens menos tradicionais para os temas escolhidos e aproveitando ao máximo as possibilidades que aquele ambiente poderia nos oferecer.

Logo de início, nosso grupo definiu como foco do curso a produção de um vídeo sobre a Lagoa do Peri. Gostaríamos de discutir as diferentes formas de relações que estabelecemos com o ambiente, com a Lagoa, com os sujeitos humanos e não humanos. Para isso, pensamos em levar histórias de antigos moradores do Parque e compartilhar outras, contadas,

vivenciadas e/ou criadas por cada um que participasse do curso. Pensando em como inserir a produção audiovisual em nossa proposta, decidimos por desenvolvê-la de uma forma menos preocupada com a transmissão de conteúdos e mais experimental, aberta à construção de outros saberes que iam além dos conteúdos geralmente aprendidos nas aulas de Biologia. Através do curso, pretendíamos proporcionar aos participantes o estabelecimento de novas e diferentes relações com a Lagoa do Peri, e os vídeos seriam o que possibilitaria a criação e a expressão destas relações.

Chegar à definição da proposta de nosso curso não foi tão simples. Fomos tomadas por muitos desejos que nos levaram a incansáveis reflexões sobre quais seriam nossos objetivos. “O Parque Municipal da Lagoa do Peri, situado ao sul da Ilha de Santa Catarina, abrange uma área total de 20,3 km², possuindo um ecossistema rico e diversificado” (IPUF, 1978 apud ZANCO, 2003). Trabalhar as relações ecológicas existentes entre os seres vivos que o habitam seria, talvez, o caminho mais fácil a ser seguido, principalmente por se tratar de um curso ministrado no âmbito da disciplina de Prática de Ensino de Biologia. Optamos por não segui-lo. Influenciadas por nossas trajetórias acadêmicas e inspiradas no estudo de Zanco (2003), que trabalhou com narrativas presentes no imaginário dos moradores do Sertão do Peri, fomos em busca de outras relações, estabelecidas entre humanos e não humanos, entre nós e os diferentes lugares em que se configuram nossas vidas cotidianas, relações muitas vezes silenciadas quando se trata de áreas de preservação ambiental. Esse Parque contém populações habitando o seu interior e por acreditarmos que estamos completamente imbricados, mesclados, com aquilo que chamamos natureza desejávamos desconstruir a ideia deste como um lugar intocável, inacessível.

A escolha do audiovisual foi pensada devido às inúmeras possibilidades e diferentes formas de uso proporcionadas por esse artefato, que muito mais que uma ferramenta de ensino, é visto por nós como uma forma de expressar encontros, experiências, sentimentos. Santos & Fragoso

(2008, p.171) nos dizem que “o vídeo torna-se uma mídia na qual se constroem narrativas e representações visando registro e produção de sentidos”. Desse modo, pensamos na produção do vídeo como uma forma dos alunos tornarem-se protagonistas do curso do qual estavam participando, (re)construindo-o e expressando-se através dessa técnica. Desejávamos assim, que o processo de produção do vídeo, e a própria construção do curso, fossem experienciados pelos alunos. Larrosa (2002, p.21) nos diz que a experiência é “o que nos acontece, nos toca”. Segundo o autor “a cada dia se passam muitas coisas, porém, quase nada nos acontece” (idem) e para que algo nos aconteça uma ruptura se faz necessária. É preciso parar: para pensar, sentir, ouvir, olhar, encontrar a si e ao outro, imaginar, inventar; para transformar aquilo que nos acontece em algo significativo em nosso viver.

Além de propiciar experiências, pensamos os processos de produção dos vídeos como dispositivos que acionassem a expressão criativa dos alunos. O dispositivo a que nos referimos aqui é pensado a partir da ideia de dispositivo artístico discutida por França (2007), entendendo a nossa proposta de que os alunos produzissem vídeos como “uma metodologia ou um procedimento produtor, ativador – de realidades, de mundos, sensações, que não preexistem a ele” (FRANÇA, 2007, p. 52). À medida que entrassem em contato com a ideia do curso de trabalhar com as histórias da Lagoa do Peri, que pensassem sobre que vídeo gostariam de construir, e em todo o processo de criação de roteiro e filmagem das cenas, esperávamos que pudessem experimentar outros espaços, narrativas e sensações. Assim, não poderíamos determinar quais seriam essas experiências vividas pelos alunos, muito menos o resultado final dos vídeos. Ao invés disso, nos propomos a estar junto deles, auxiliando-os nos caminhos que quisessem trilhar para possibilitar formas singulares de mostrar, criar e experimentar o Parque e suas histórias.

Para a produção dos vídeos decidimos utilizar apenas câmeras fotográficas digitais comuns. Fizemos essa escolha por acreditarmos que essas seriam mais facilmente manuseadas pelos alunos, que provavelmente já teriam um contato prévio com este tipo de equipamento. Além disso, queríamos demonstrar as inúmeras possibilidades presentes em um recurso aparentemente limitado como este.

Passaremos agora a relatar um pouco dos momentos vividos junto aos alunos durante o curso “Histórias, imagens, sons e movimentos: vídeos sobre a Lagoa do Peri”. Relataremos as mudanças ocorridas no plano de ensino, as angústias do processo, as experiências vividas.

(Re)CONSTRUIR-SE A CADA ENCONTRO

Foram dois meses de preparação até o momento de sua concretização. Como dito anteriormente, muitas conversas sobre a proposta que desenvolveríamos foram feitas, resultando em diversas alterações no plano de ensino que pensamos inicialmente. Porém, por maiores que fossem as alterações que tenhamos feito antes de sua aplicação, em nenhum momento o consideramos fechado, imutável. Nosso plano estava aberto aos caminhos e possibilidades que se construíssem ao longo do processo.

Logo no primeiro dia de encontro, durante a primeira atividade que tínhamos planejado (uma dinâmica de apresentação em que cada integrante deveria apresentar-se para a câmera) passamos pelo nosso primeiro desafio. Os alunos manifestaram uma resistência enorme negando-se a serem filmados. Como grande parte deles tinha dito que havia escolhido o curso pela produção do vídeo, não cogitávamos essa hipótese. Tomamos de antemão que aceitaríamos a proposta, sem terem vergonha de se expor. Porém, imediatamente percebemos que colocá-los diante de uma câmera logo na primeira atividade, talvez não tenha sido o melhor caminho escolhido. Apesar de termos conseguido desenvolver a atividade, após muita

persistência de nossa parte, percebemos que a inibição, a vergonha de se expor, o medo dos comentários alheios, eram sentimentos que teriam que ser trabalhados.

Superamos nosso primeiro desafio, porém muitos outros ainda estavam por vir... Saímos de nosso primeiro encontro com os alunos com sentimentos bastante conflitantes. As atividades seguintes, desenvolvidas após a dinâmica de apresentação, desenrolaram-se sem grandes complicações, porém nos questionávamos quanto a nossa atuação, não tínhamos certeza se os alunos tinham gostado e começamos a nos questionar se deveríamos ou não manter a proposta do curso. Reencontramo-nos dias depois para rediscuti-la. O segundo dia de encontro estava destinado à realização de uma trilha pelo Parque e decidimos incluir ao longo deste passeio alguns conteúdos biológicos. Tomamos essa decisão por acharmos que havia uma demanda dos alunos em aprender assuntos pertinentes a esta disciplina, já que se tratava de uma Prática de Ensino de Biologia. A construção do curso estava aberta para que com o passar dos encontros os participantes pudessem intervir cada vez mais nas atividades previstas. Como propõe Barcelos (2007, p.144), é preciso “aceitar o desafio pós-moderno de fazer o mapa durante o caminho” e de “partir para o mar revolto (...) apenas com um rascunho em mãos”. Assim, nossa proposta foi produzida para ser devorada, digerida, transformada enquanto era vivida pelos participantes.

Nosso segundo encontro começou marcado por fortes expectativas, a dos alunos que ansiavam fazer a trilha e as nossas, que tínhamos medo de decepcioná-los, já que a trilha que faríamos era em grande parte um caminho fácil com casas ao redor, sem grandes aventuras em meio à mata. A escolha desta não foi ao acaso. Ela iniciava-se na beira da estrada que nos leva até a sede do Parque, seguia até a beira da Lagoa do Peri passando por diversas casas e adentrava a um caminho de mata fechada que segue até uma cachoeira. Por falta de tempo não poderíamos levá-los

até lá, mas achamos interessante mostrar a eles esse mosaico de paisagens que constitui o Parque.

A ansiedade do início havia sido superada e ao adentrarmos na trilha, os alunos, já separados nos grupos definitivos dos vídeos e com as câmeras digitais em punho, foram imediatamente colocando em prática suas ideias. Havíamos pedido a eles para que desenvolvessem uma sequência de imagens a serem filmadas/fotografadas, retratando um tema qualquer escolhido por eles. Cada uma de nós, numa escolha ao acaso, ficou responsável por acompanhar as atividades de um grupo. Passamos uma manhã muito agradável e divertida junto a eles, rindo, observando o ambiente, conversando com moradores, fotografando e filmando. Alguns superaram sua vergonha, outros quiseram apenas manusear as máquinas digitais e não aparecer nas filmagens. Muitas imagens foram obtidas e estas foram exibidas em nosso terceiro encontro. Os conteúdos biológicos que havíamos pensado em inserir neste dia não foram trabalhados, já que, ao contrário do que havíamos pensado, não surgiu o interesse por parte dos alunos, que estavam totalmente imersos na produção de seus vídeos.

Uma questão nos acompanhou ao longo desses primeiros dias de curso: deveríamos ou não lançar uma pergunta aos alunos que inspirasse a criação dos vídeos. Uma pergunta que não direcionasse olhares e sim que estivesse aberta a múltiplas interpretações, ampliando as possibilidades de produção/invenção dos vídeos. Pensávamos que deixando em aberto, tendo como tema norteador a Lagoa do Peri, surgiriam apenas vídeos que representassem este como um lugar de natureza preservada, intocável, porém nos surpreendemos diante da diversidade e inventividade das temáticas escolhidas pelos alunos. Um grupo escolheu as lendas e histórias de bruxa presentes no imaginário dos moradores do Peri, que foram trazidas a eles através da leitura de trechos do trabalho de Zanco (2003), outro resolveu abordar as relações que os moradores do Parque estabelecem com aquele ambiente e o terceiro a poluição ocorrida na Lagoa do Peri. Assim,

resolvemos abandonar a colocação de uma pergunta norteadora e investir nas ideias iniciais dos alunos.

O terceiro dia de curso iniciou-se com a apresentação dos materiais produzidos por cada grupo. Solicitamos aos participantes que apresentassem ao restante da turma a sua ideia inicial. Ao final de cada exibição conversamos sobre o que haviam achado de seus vídeos e o que poderiam melhorar, incluindo algumas questões técnicas como qualidade da imagem e áudio. Esse primeiro exercício de produção audiovisual foi de extrema importância, pois permitiu diversas reflexões por parte dos alunos, enriquecendo o exercício posterior de roteirização. Antes da sua realização exibimos alguns vídeos para mostrar a eles inúmeras possibilidades de criação, filmagem, edição.

Nesta atividade os alunos se mostraram bastante atentos e teceram diversos comentários interessantes acerca dos vídeos, e nós os complementamos à medida que sentimos a necessidade. Alguns vídeos chamaram bastante a atenção deles, como o trecho do filme “Rebobine, Por Favor⁴”, em que os personagens recriam filmes famosos usando recursos limitados. Esse vídeo incentivou que utilizassem materiais e criassem cenas inusitadas, já que mesmo que não estivessem perfeitas tecnicamente ainda assim ficariam interessantes e divertidas. O documentário “Seo Chico, um retrato⁵” trazia um morador do Sertão do Peri, região que faz parte da paisagem cultural do Parque Municipal da Lagoa do Peri. Outro documentário que exibimos, intitulado “Lagoa do Peri⁶”, possuía um formato bastante clássico ao abordar aquele lugar como uma Unidade de Conservação, exaltando as belezas da natureza com imagens da fauna e

⁴ REBOBINE, por favor: uma loucadora muito louca. [Filme-vídeo]. Direção de Michel Gondry, produção de Georges Bermann, Julie Fong e Michel Gondry. EUA: Europa Filmes, 2008. 1 DVD (102 minutos), son., color, legendado/dublado.

⁵ SEO CHICO, um retrato. Direção e produção de José Rafael Mamigonian. Brasil: Atalaia Filmes, 2004. 1 DVD (94 minutos), son., color.

⁶ LAGOA DO PERI. Direção de Jorge Freitas, produção de Alcides Dutra e realização Projeto Larus. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina, 1994. 1 fita de vídeo (37min.): VHS/NTSC, son., color.

flora. Para isso, uma voz em *off*⁷ narrava essas imagens, falando sobre cada uma das espécies e sua importância para o ecossistema que constituía o Parque. Este documentário não os agradou e comentamos que o fato deles aparecerem em seus vídeos poderia torná-los mais interessantes. Entretanto, o que realmente os convenceu disso foi um vídeo⁸ que mostrava jovens dançando e cantando uma paródia do rap *My humps* da banda americana *Black Eye Peas*. As letras e as encenações tratavam da importância de dar um destino correto para o lixo, e ao final da exibição eles comentaram que gostaram muito do resultado.

Levamos também alguns vídeos mais experimentais, que geraram comentários diversos. Um deles, intitulado “Deriva⁹”, era mudo e mostrava de trás para frente e em câmera rápida quatro pessoas interagindo entre si e com o entorno, e passeando por um percurso que começava em uma rua à noite e terminava em um parque durante o dia. Os alunos detestaram o vídeo, e um deles comentou que a maior contribuição que ele trazia era de como não fazer um vídeo chato como aquele. Entretanto, outro (Sem título)¹⁰ que era apenas a repetição de uma mesma cena (um longo corredor que aparecia e desaparecia) durante vários minutos, com alguns flashes rápidos de outras cenas quase imperceptíveis, gerou pensamentos interessantes. Um dos alunos comentou que o vídeo tratava da repetição de uma rotina, sempre a mesma coisa acontecendo. Achamos interessante que mesmo o vídeo sendo bem diferente do usual, o aluno prestou atenção e tentou interpretá-lo a sua maneira. Não iremos nos aprofundar, mas achamos importante ressaltar aqui a “não-transparência” das imagens e a multiplicidade de leituras que elas nos possibilitam (SILVA, 2006, p. 72).

⁷ Voz em *off*: é a voz proferida por alguém fora do campo visual em questão.

⁸ VÍDEO AMBIENTE – My humps. Direção e produção Rafael Cassol e Daniel Gregol. Brasil, 2006. (4:14 minutos) Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JxYgUK3e8fM>

⁹ DERIVA. Direção e produção de Francisco Sedrez Warmling, Leonardo Lima, Lucas Kinceler e Pamella Emília de Queiroz Araújo. Brasil, 2009. 1 DVD (11 minutos), son., color.

¹⁰ Sem título. Autor desconhecido. (3:06 minutos). Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=ZGYIYQHYPxE>

Após a exibição dos vídeos, os grupos reuniram-se para a construção do roteiro final. Damos a eles as opções de continuarem com sua ideia inicial ou começarem um novo processo de criação. Todos optaram por manter as temáticas pensadas inicialmente, procurando melhorar os pontos que estavam deficientes.

O quarto dia de curso foi destinado às filmagens dos vídeos. Esse foi um dia decisivo, o momento de concretização das ideias surgidas e inventadas ao longo do curso, de experimentação. Passamos a manhã acompanhando e auxiliando nossos grupos. Como possuíam total autonomia sobre seus processos de criação, fomos apenas coadjuvantes de suas produções, estando junto a eles, apoiando-os nos caminhos que quisessem seguir. Concluíram seus projetos inventivos e estes, após uma simples edição feita por nós e por eles, foram exibidos no quinto e último dia de encontro que tivemos.

A manhã de nosso último dia de encontro começou com um forte clima de expectativa no ar... O primeiro grupo foi até a frente da sala e apresentou a todos sua produção, intitulada “A Lenda da Bruxa¹¹”. Estavam orgulhosos do que haviam concretizado. O vídeo proporcionou gargalhadas generalizadas e foi bastante aplaudido. O segundo grupo foi apresentar-se. Propositalmente não explicaram muito sua ideia, deixando um clima de suspense no ar. O vídeo “O fantasma do caqui¹²” causou bastante impacto gerando também muitas gargalhadas. O terceiro grupo foi à frente apresentar sua obra, intitulada “Como seria se as sacolas falassem¹³”. Estavam bastante

¹¹ A LENDA DA BRUXA. Direção e produção de Carlos Alberto, Cynthia, Gabriela Medeiros, Jederson Yago, Letícia, Lucas Porciuncula, Maria Clara, Pricilla Bittencourt. Brasil: 2009. DVD (07:04 minutos), son., color. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=bnZ_LT_RpdQ

¹² O FANTASMA DO CAQUI. Direção e produção de Amanda, Estéfani Cabral, Franciele Favero, Federico Robillard, Henrique, Jean Carlos de Souza, Julia Cardoso. Brasil, 2009. DVD (6:54 minutos), son., color. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=CNg1oj60QCc>

¹³ COMO SERIA SE AS SACOLAS FALASSEM. Direção e produção de Aquiles Schlüter, Aline Krelling, Gabriela, Giovanni Mognon da Silva, Ingrid, Mariza Gnecco, Vinícius

tímidos por acharem que os vídeos dos demais estavam melhores que o seu. Porém, este também agradou o público que os assistia, composto pelos participantes do curso, pelos professores da disciplina e professores da escola. Ao final das exposições, oferecemos a eles um lanche como forma de celebrarmos os momentos vividos, as amizades surgidas e os aprendizados construídos. Entregamos também, uma lembrança a cada participante, um cartão com uma foto tirada ao longo do curso. Como avaliação final do curso e do que eles sentiram e vivenciaram no decorrer da produção dos vídeos, pedimos para que respondessem algumas questões (O que vocês acharam de produzir o vídeo? O que mais gostaram no vídeo que fizeram? Mudariam alguma coisa? Na opinião de vocês, que momento do curso foi fundamental para a produção do vídeo? O que vocês levam dessa experiência?).

Tivemos que encerrar o encontro antes do horário de costume, mas apesar dos imprevistos podemos afirmar que passamos uma manhã marcada por momentos prazerosos e bastante satisfatórios. Mesmo diante das dificuldades e angústias enfrentadas ao longo do curso, conseguimos concretizar aquilo que ansiávamos quando começamos a pensar em nossa proposta, proporcionar aos participantes o estabelecimento de novas e diferentes relações com a Lagoa do Peri, sendo os vídeos o que possibilitou a criação e a expressão criativa destas relações.

EXPERIÊNCIAS PELAS HISTÓRIAS, IMAGENS, SONS E MOVIMENTOS

A nossa intenção de que os vídeos funcionassem como um dispositivo ativador de realidades múltiplas, de diversas experimentações e sentidos sobre a Lagoa do Peri foi vista por nós como uma proposta que funcionou. Afirmamos isso, pois os três vídeos que resultaram do curso não transmitem uma única maneira de se relacionar, ver e dar significado ao Parque e suas

Guimarães. Brasil: 2009. DVD (02:56 minutos), son., color. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=WfxG8vYBdnM>

histórias. A multiplicidade das escolhas e a grande inventividade mostraram que os alunos tiveram espaço para criação de seus próprios entendimentos e relações com o Parque e também com a nossa proposta, que foi se transformando e ganhando as cores que cada grupo acrescentou ao produzir os vídeos. Também nas respostas dos alunos às perguntas que fizemos sobre a produção do vídeo, notamos essa multiplicidade de experiências que podem ter sido proporcionadas pelo curso. Sobre o que eles levaram dessa experiência, cada grupo trouxe um relato bastante particular: O grupo que criou o vídeo “O Fantasma do Caqui” comentou sobre a importância do trabalho em grupo, pensando o vídeo como uma construção coletiva, e o importante papel da professora neste processo. Já os alunos que produziram o audiovisual “Como seria se as sacolas falassem” falaram da amizade e do conhecimento construído ao longo desses dias no Peri. O grupo do vídeo “A Lenda da Bruxa” citou o aprendizado sobre o processo de produção de um vídeo e o fato de terem perdido a vergonha de se expressarem. Trazemos agora um pouco dos vídeos que foram criados e das experiências que foram vivenciadas nesse processo.

O Fantasma do caqui



Este audiovisual foi construído baseado em uma história contada por um dos alunos que residiu no Parque quando criança. Pensando nisso, os alunos inventaram outros detalhes e criaram um final mais marcante para a história. Assim, o vídeo mostra uma entrevista com uma moradora do Parque que conta sobre seu filho que roubou caquis na casa do vizinho. A narrativa se desenvolve a partir disso e tem um final surpreendente.

Ficamos muito impressionadas com a autonomia, envolvimento e trabalho em equipe do grupo. Isto por que os alunos escolheram e se responsabilizaram pelos enquadramentos, locações da filmagem e figurinos, improvisando falas e cenas quando algo saía do planejado. O vídeo foi inclusive colocado por eles no site de compartilhamento *Youtube*.

Foi interessante o movimento feito para a produção desse vídeo: partir de uma história relatada das memórias de infância de um dos alunos, e (re)criá-la, (re)inventá-la, tornando-a aberta a multiplicidade e ao mesmo tempo, singularidade de todos aqueles que construíram o vídeo. O resultado é uma mescla de muitas inventividades que puderam existir em uma mesma história, em um mesmo processo de construção.

Como seria se as sacolas falassem



A narrativa criada pelos alunos para a produção deste audiovisual teve como temática a poluição. Preocupados com a questão do lixo jogado na

Lagoa tentaram abordar essa problemática de um jeito que fosse atrativo para aqueles que iriam assisti-lo. Muitas discussões, pouco envolvimento de alguns membros do grupo, desmotivação em alguns momentos, tornaram o processo de construção do vídeo bastante turbulento. Porém, com os laços de amizade que foram se tecendo, as conversas inspiradoras com uma moradora e um funcionário do Parque, a desmotivação inicial foi transformando-se em desejo de construir algo que transmitisse uma mensagem de preservação. Para isso, não quiseram seguir apenas pelo caminho mais fácil, o de exaltar a importância e as belezas naturais que compõem aquela paisagem. Resolveram incluir em sua construção um suposto diálogo entre sacolas plásticas, que teriam sido jogadas propositalmente na Lagoa do Peri, e que estavam preocupadas com a poluição que estavam causando aquele lugar.

Este vídeo foi o que menos se distanciou da visão naturalizada que desejávamos desconstruir. Porém, não podemos dizer que esse grupo sofreu um deslocamento menor do que os outros. Com a criação de um dispositivo aberto a múltiplas interpretações e criações, não tínhamos como controlar, e nem tínhamos essa pretensão, aquilo que seria produzido pelos alunos. Essa foi a forma encontrada por eles para expressar/criar suas relações com aquele ambiente.

A Lenda da Bruxa



Esse vídeo assumiu a inventividade como marca de sua construção narrativa. Inspirados nas histórias de bruxas trazidas através dos relatos de moradores do Sertão do Peri eles construíram uma trama cercada de mistérios, cenas inusitadas e hilariantes. Um grupo de amigos ao caminhar por uma trilha e comentar sobre lendas associadas ao local da mesma, passam por acontecimentos misteriosos. Para o final da trama resolveram inserir uma questão ambiental: o desfecho era de que a bruxa aterrorizava as pessoas que vinham passear pelas trilhas da Lagoa do Peri e jogavam lixo neste ambiente.

Esse pode ter sido o caminho encontrado pelo grupo para tentar responder ao que eles acreditavam ser nossas expectativas, como professoras de biologia, por mais que não fosse isso o que estávamos procurando. Isso não desqualifica o caráter inventivo do vídeo, muito pelo contrário, só o reforça, afinal criaram uma narrativa bastante singular e inventiva para tratar de uma temática ambiental tão presente em nosso cotidiano, marcada por fortes clichês.

A INVENTIVIDADE CURRICULAR

Com essa proposta que construímos para a Prática de Ensino de Biologia queríamos provocar nos alunos momentos de criação e inventividade. Porém, não foram apenas eles que precisaram fazer essas movimentações: nós ao longo de todo o curso estávamos em um processo inventivo constante. Esse convite à experimentação se estendeu à nossa própria atuação como educadoras, em que foi preciso experimentar o cotidiano com os alunos, recriando aquilo que havíamos planejado anteriormente. A cada encontro, sentíamos a necessidade de repensar nossa prática educativa e revíamos nossos objetivos. Esse curso nos moveu em muitas direções, e nos fez pensar sobre o que desejávamos enquanto

educadoras. Levantávamos várias possibilidades, fazíamos algumas escolhas e voltávamos para as aulas com algumas aberturas que acabavam se fixando apenas no encontro com os alunos. No segundo encontro em que os levamos até a trilha, estávamos preparadas para falar de aspectos biológicos, da importância do ecossistema que compõe a Lagoa do Peri, mesmo que não desejássemos essa abordagem. No próprio processo de caminhar pela trilha com os alunos, percebemos que isso não era necessário, e que a primeira ideia de que a produção do vídeo acionaria diversas relações que ampliariam esse entendimento apenas ecológico do Parque, acabou tomando corpo ao longo da manhã.

Em alguns momentos também acreditamos que nossa proposta de utilizar câmeras de vídeo simples e acessíveis a todos pudesse ser repudiada pelos alunos. Entretanto, isso nunca foi um problema e eles abraçaram a ideia, trazendo suas próprias câmeras para filmagem. Aí está também uma característica importante de abrir as tessituras das atividades às intervenções no processo de construção: os alunos puderam se apropriar das nossas propostas e criar também maneiras de realizá-las. Isso também pode ter sido responsável pelo grande envolvimento que assistimos naqueles dias de produção dos vídeos.

Procuramos nesses encontros ouvir os alunos, considerando que muitas experiências e histórias com e sobre o Parque já existiam em suas vidas. Deixar que falassem sobre o que pensavam, sentiam e esperavam do curso nos mostrou várias possibilidades educativas, e foi uma importante maneira de estar com os alunos, trazendo novos conhecimentos, mas sem aniquilar aquilo que já tinham construído em suas vivências. A partir daí, acreditamos que o próprio processo de produção do vídeo acionou outras experiências e possibilidades de olhar e de se relacionar com aquele lugar e com os outros que participavam do curso. Não era a nossa intenção, e também nunca foi necessário, dizer aos alunos o que deveriam ver, filmar ou falar sobre o Parque. Envolvidos em seus próprios processos de criação,

cada um à sua maneira criou entendimentos singulares e relações específicas com a Lagoa do Peri. Vimos vários encontros acontecendo ao longo do curso: primeiro com a nossa proposta e com as histórias do Sertão do Peri. Depois com os moradores do Parque, com o entorno que serviu de palco para as filmagens, passeios e conversas. A mudança da postura distante que foi se transformando em um grande envolvimento ao produzir algo que expressa uma maneira única, impregnada por cada um que construiu aquele vídeo. A nossa aproximação com os alunos que também resultou em um estar junto repleto de confiança, trocas e ajuda mútua.

REFERÊNCIAS

BARCELOS, Valdo; SILVA, Ivete Souza da. Saberes, sabores e devorações – para uma educação ambiental pós-moderna. In: PREVE, Ana Maria; CORRÊA, Guilherme (Org.). **Ambientes da Ecologia**. 1ª ed. Santa Maria: UFSM, v. 1, p. 139-154, 2007.

FRANÇA, Andréa. Ser imagem para outro. In: MÉDOLA, Ana Sílvia Davi; ARAÚJO, Denize Correa; BRUNO, Fernanda (Org.). **Imagem, visibilidade e cultura midiática**. Porto Alegre: Sulina, 2007, p. 47-61.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. Rio de Janeiro: **Revista Brasileira de Educação**, nº 19, p. 20-28, 2002.

SANTOS, Maria Salett Tauk; FRAGOSO, Patrícia Munick de Albuquerque. Vídeo digital: identidades e representações das culturas populares. São Paulo: **Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v.32, n.1, p. 169-187, jan./jun. 2009.

SILVA, Henrique César da. Lendo imagens na educação científica: construção e realidade. **Pro-Posições**, v.17, n.1(49), p.71-83, jan./abr. 2006.

ZANCO, Janice. **Histórias da Lagoa do Peri**. 2003. Trabalho de Conclusão de Curso. Bacharelado em Ciências Biológicas, UFSC.